

## **SOBRE MINEIROS, PAULISTAS E VIRA-LATAS: O QUE PERMANECE EM 2010?**

*About mineiros, paulistas and 'stray dogs': what prevails in 2010?*

Helcimara de Souza Telles  
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG  
✉ mara-telles@uol.com.br

### **O milagre de Lula: é a economia, estúpido!**

*Brasileiro é um narciso às avessas, que cospe na própria imagem. Eis a verdade: não encontramos pretextos pessoais ou históricos para a auto-estima (Nelson Rodrigues)*

*O povo não é bobo, abaixo a Rede Globo!* Podemos ainda ouvir com nitidez as acusações feitas por Leonel Brizola, contrariado com a atuação desta emissora nas eleições presidenciais de 1989. Esta rede de comunicação também havia já sido acusada pelo líder do PDT de arquitetar um plano para interferir nos resultados das eleições para o governo do Rio, em 1982. O mesmo clamor era repetido nas ruas, pelos simpatizantes do desde então moderado sindicalista, Lula da Silva - o candidato a presidente pelo Partido dos Trabalhadores, tanto naquela como nas subseqüentes eleições. De lá para cá muita coisa mudou, mas persistiram muitos vícios, entre os quais, a idéia difundida por alguns de que a nossa mídia arma cotidianamente golpes contra a democracia. De fato, isso ocorreu em 1989, quando o Jornal Nacional enquadrou positivamente o desempenho do caçador de marajás - no debate do segundo turno - e reduziu o PT a uma titubeante e pálida figura. Atualmente, a presunção de que a mídia continua tomando partido nos debates políticos é real. Mas, cabe indagar se não é exatamente isso o que se

espera dos agentes e entes, em uma democracia: o posicionamento plural a respeito de temas e candidaturas. A parábola da mídia – assim como a de muitos outros agentes políticos e econômicos – não é o fato de assumir posições, mas o hábito de ocultar da opinião pública as suas reais escolhas e de agir como os exclusivos detentores da verdade e da moral.

A mídia continua formando opiniões; Leonel Brizola se despediu dos brasileiros; Lula da Silva é hoje o político mais popular do mundo. O presidente adquiriu tamanha visibilidade e respeito externo que, juntamente com as sandálias havaianas, o café e o samba, não seria exagerado dizer que se tornou símbolo do país. Falar do Brasil hoje, no exterior, é se referir ao presidente-operário, traduzido em francês, alemão, inglês e línguas raras - com as devidas correções ortográficas e *photoshop* -, recursos típicos da profissionalização das campanhas e da política. Mas, ainda com estes detalhes, a posição adquirida pelo Brasil não é pouca coisa, sobretudo em se tratando de um país que desde 1950, refugiou-se naquilo que o dramaturgo e escritor Nelson Rodrigues apelidou de *complexo de vira-lata* - o desejo do Brasil de ser reconhecido como igual pelos seus pares, mas que tropeçaria sucessivamente em sua baixa auto-estima.

De fato, a imagem externa do país mudou e evoluiu positivamente na mesma proporção com que a Rede Globo deixou de ser acusada de golpista - pelo menos na eleição de 2002 -, e passou a ser uma quase aliada do governo e a exportar nossas novelas, assistidas nas ex-repúblicas comunistas e pelos produtivos chineses – campeões em crescimento econômico, mas também em violação dos direitos humanos. A novidade é a elevação simbólica do Brasil a um *status* que, se ainda não é o de “primeiro mundo”, também não é mais o de plantador de bananas. A economia parece ir bem, superando as bolhas e borbulhas do mercado financeiro e imobiliário; a desigualdade social foi reduzida, ainda que a passos lentos; ganhamos o direito honroso de sediar a Copa do Mundo de Futebol e as Olimpíadas, além de exportamos tecnologia e petróleo.

O Brasil está no projeto Genoma e a Embraer – orgulho nacional – presente nos mercados da América Central e da Europa. Muitos podem se sentar nas classes econômicas destas modernas aeronaves, buscando os *shoppings* de Miami ou o esqui do inverno europeu. O projeto Petrobras é intocável e a classe média voa feliz com seus rebentos para Disney World. Não escapam deste milagre tardio os nossos “quase-ex-pobres”, convertidos aos carros financiados que circulam nos novos balneários e produzem caos no

trânsito. E, finalmente, o salário mínimo alcançou índices que nunca antes havia ousado conhecer na história deste país. Na base da pirâmide social, nosso espírito classista – forjado na Casa Grande & Senzala - teve que se conformar com o fato das domésticas se tornarem raras e caras, e seus companheiros podem esquentar suas marmitas nos canteiros das obras do PAC.

O resumo da ópera é que os pobres estão menos miseráveis e os ricos festejam lucros mais polpudos. Dormimos preocupados com a violência urbana, mas despertamos com algum crédito bancário; o governo é confiável e nos convence a consumir; as oposições assistem ao moderno choque de gestão sem proposição alternativa (quem cala consente?). Estamos beirando ao consenso e os números não nos deixam dúvidas: 70% ou mais de aprovação, às vésperas do fim de um segundo mandato, é um fato notável para qualquer governo.

Estes fatos, entre inúmeros outros, demonstram que aos poucos deixamos de ser apenas o mercado para os sedentos investidores internacionais. Ao contrário, há uma sensação quase eufórica de que estamos na iminência de nos transformarmos em um país de capitalismo moderno e que passaremos a ditar sabiamente as regras para a América Latina. Ufa! Finalmente a economia de mercado parece que chegará ao país tropical e abençoado por Deus! É de fazer inveja aos nossos *hermanos*, alguns dos quais afogados em dívidas e “piqueteando” nas ruas.

Nelson Rodrigues não viveu para ver seu complexo de vira-latas ser desconstruído. E, o dramaturgo não poderia saber dos efeitos positivos que teria a economia sobre as nossas almas brasileiras e que poderíamos deixar a posição de servos para passar à de Senhor. O escritor, que entendeu como poucos os intrincados caminhos do amor, não poderia imaginar a alteração de nosso *status* de vira-latas a avião de caça!

### **O embaraço do Planalto Central do país: paulistas e mineiros**

*Na mão direita tem uma roseira  
Autenticando eterna primavera  
E nos jardins os urubus passeiam a tarde inteira  
Entre os girassóis (Tropicália, Caetano Veloso)*

Mudamos também em termos políticos? Em que pesem os indicadores macroeconômicos - que tiraram nossa economia do limbo e nos elevaram a

país emergente dos BRIC -, qual comportamento persiste na política nacional? Por que os partidos sangram diante da opinião pública, o Congresso Nacional segue mal avaliado, os eleitores desconfiam das instituições e os movimentos sociais se encontram em estado de paralisia? Qual fantasma ronda este país?

Muito mudou, mas muitas atitudes permanecem na política brasileira e poderão ser repetidas na sucessão deste ano. A classe política continua quase a mesma (os índices de renovação no executivo e legislativo têm diminuído); o Rio de Janeiro continua lindo – apesar da capital do país ter sido deslocada para Brasília, que completou seus cinquenta anos. Cinquenta anos seria tempo de *tomar tento* – mas, ao contrário, foram amplamente expostas as fragilidades e o clientelismo do DEM, envolvido em meias e panetones. E, por isso, aquilo que permanece também merece uma reflexão.

Números nos dizem muito e revelam as expectativas da opinião pública. E, sem sombra de dúvida, nos mostram claramente que *o governo vai bem, obrigado*. De modo muito simples e sem cálculos sofisticados, podemos inferir acerca de um sentimento de satisfação com o país. Qualquer governante pensará duas vezes antes de mudar os rumos da economia, caso queira agradar à vossa excelência, o eleitor. Mas, não podemos afirmar o mesmo para a satisfação com a vida política. Um paradoxo difícil de explicar - e que não pretendo aqui fazer. Passemos ao próximo tópico.

As instituições parecem mais sólidas que há vinte anos, quando Lula da Silva se candidatou pela primeira vez ao posto máximo do país; os eleitores estão mais experientes e foram submetidos seguidas vezes às urnas. Parece que sabem que a democracia eleitoral traz bons resultados e que, ademais, é uma solução melhor que a promessa de governos autoritários. Economia andando bem, eleitor mais pragmático, avaliação positiva de governo e negativa das instituições. Mas, tudo vai mal e dois mais dois são cinco: Dilma não é da família Silva e Serra não empolga aos mineiros. Caciques retirados das cartolas, seguem a mesma retórica econômica, a mesma fórmula que funciona. Falta política, sobram os números.

Sim, o Brasil mudou. Mas, persiste o mesmo espírito oligárquico do café-com-leite e das federações paulistas e mineiras. A mineiridade não nos deixa em paz, quiçá por que seja um elemento constitutivo de nossa história. Nunca é demais se lembrar da composição ideológica presente neste conceito: *o primeiro compromisso de Minas é com a liberdade*. Liberdade, liberalismo ou conciliação? O governo Lula da Silva acertou ao privilegiar a economia; mas o

preço a pagar foi o de presumir que o caciquismo político e a conciliação eram exclusividade do PT. Conciliação externa com os neo-parceiros, mas a casa do presidente anda alvoroçada. No saldo de ovos frígidos e queimados, como explicar a imposição do Planalto de uma candidata - cria do presidente - sem a articulação com o partido que lhe sustentou em seus momentos de crise política – como o mensalão? Como inibir a voraz fome dos políticos mineiros – interessados em reproduzir o conflito café-com-leite, anos depois de finalizada a República Velha?

O problema do planalto central do país não é mais de ordem econômica – todos os candidatos dirão em bom tom que preservam nossas conquistas e que o “*Brasil pode mais...*”. Trata-se agora de saber “quem é e o que deseja o Brasil”. Caso a resposta seja somente a economia – que vai bem – tudo poderá ir mal para o Planalto. Serra provavelmente dirá que é o mais competente para governar; Dilma é de fato uma gerente sem experiência política. Isso, os mineiros não podem negar.

Em terras mineiras, Hélio Costa – a noiva desejada pelo Planalto para o governo do Estado – vai de mal a pior, apesar dos números gloriosos apresentados nas pesquisas de opinião. Campeão de votos em outras situações, Hélio (PMDB) perdeu todas as outras eleições que disputou para o governo de Minas. Sem eira nem beira, o PMDB não é nenhuma nubente em que se possa confiar. Mas, contrariando o chefe, o PT local se engalfinha nas prévias para a seleção do candidato próprio, no Estado. Os filhos pródigos daqui não estão lá muito satisfeitos com a política nacional dos companheiros de alhures.

Aécio Neves poderá vir a compor efetivamente com o PSDB, ao contrário do que fez com Geraldo em 2006, um peso morto estrategicamente esquecido nas gavetas e retirado apenas quando de suas rápidas visitas ao Estado. Aécio poderá acertar uma política (sempre de bastidores), apoiando 5 anos de mandato para Serra sem direito à reeleição, em troca do apoio do paulista para sua candidatura presidencial, em 2014. Anastasia, vice-governador de Minas, pelo PSDB, foi uma escolha pessoal do tucano Aécio, candidato a presidente derrotado pelo mesmo caciquismo político, que impera no PSDB paulista (nisso, petistas e tucanos estão cada vez mais semelhantes). O vice-governador mineiro – Anastasia - disputará com o apoio e a máquina do Estado a eleição pelo cargo de governador, deixando os petistas em uma condição de coadjuvantes. O *petismo* – como se sabe – abandonou as ruas

mineiras e passou à condição de parceiro *tucano* – pelo menos aqui nas montanhas da capital, de onde escrevo.

Minas, há muitos anos, era apenas um lugar distante do mar, apesar de ser parceiro próximo do poder central. Hoje, mais do que nunca, com a situação persistente de “empate técnico” entre petistas e serristas, Minas voltou à cena e com sede de poder. Quer derrotar o café e esparramar leite na sucessão. Com cartas na manga, poderá desequilibrar as eleições e a sucessão de 2010. Do voto dos mineiros dependerá o resultado do vencedor para o cargo de presidente. O pacto do café e do leite foi retemperado. Com o quase fim das ideologias, pouco resta ao país a não ser debater sobre paulistas e mineiros. E, por razões históricas, os mineiros já saíram chamuscados, mas também conseguiram dar as cartas, em muitas ocasiões, sempre nos bastidores, claro – como típico da mineiridade. Não é demais lembrar que quase fomos governados por Tancredo Neves, vitimado pelo acaso.

### **À guisa da conclusão: onde estão os vira-latas?**

Os eleitores vira-latas podem tudo. Podem mudar seguidas vezes de opinião, decidir castigar ou dar mais uma chance aos incumbentes. Mas, escolhem entre ofertas existentes. Pelo menos para isso servem as elites políticas: para nos colocar as ofertas, ora bolas! Ciro Gomes foi jogado aos leões e chora suas mágoas em público; Dilma está sarada, curada e mais produzida. Mas, como reinventar seu passado, no qual ocupou somente cargos executivos e não representativos, sem jamais passar pelos testes da urnas? O “Zé” Serra ataca de defensor dos saudáveis, protege os anti-tabagistas (o que dizer de nós, pobres fumantes em São Paulo e exilados nas calçadas...) e posa com ares de “fofucho” nas capas das revistas. O que mais, além de “genéricos” posicionamentos, ele ofereceu até o momento? Ele diz que continuará e que podemos mais, muito mais.

Nisso, o Brasil não mudou e, ao contrário das democracias consolidadas que crescem proporcionalmente ao aumento da qualidade das discussões e das representações políticas – nosso país continua órfão de uma pauta que não seja exclusivamente econômica. Não temos imigrantes romenos e latinos, ocupando nossos modestos empregos; um Berlusconi em festas suspeitas; um russo ordenando o fechamento do gás e matando de frio o leste europeu. Somos predominantemente católicos e os minaretes muçulmanos e vestimentas como as burcas são aos nossos olhos apenas produtos exóticos. Nossos negros são apenas “moreninhos”; nossos índios já foram devidamente

cristianizados, evitando-se qualquer possibilidade de um líder *à la* Evo Morales fazer sucesso na política nacional.

Sequer possuímos um vulcão em erupção para paralisar nosso espaço aéreo e discutirmos meio ambiente. Ao contrário, temos todo o oxigênio do mundo, ainda que na devastada floresta amazônica. Mas, ainda é pouco; o Norte é outro país, do qual a gente aqui do Sul somente se lembra porque vez por outra a imprensa internacional nos informa que, por lá, os madeireiros querem expulsar os indígenas. Café pequeno, diante da imensidão do futuro deste país! O conflito – este câncer das boas democracias – está sendo devidamente extirpado, para o bem de todos. O consenso econômico está agendando 2010. Nenhuma novidade. Seria demais exigir de *nosotros* uma pauta para além do “desenvolvimentismo”. Afinal, somos o Brasil e nosso complexo de vira-latas ainda late em nosso peito.

Não há muito para os analistas prognosticarem; há muito pouco a ser dito. Se a economia for o eixo das eleições, o jogo estará empatado: quem vai dizer que é contra, quem ousará propor incertas alternativas para um país cujo futuro já nos parece tão próximo de ser realizado? Os competidores deverão então, ficar reféns do jogo personalizado (já que a política brasileira, em 2010, se assemelha ao fim da própria política). Parece que, ao contrário de nossas teses acadêmicas, pela primeira vez a eleição será decidida pelo marketing político. Na ausência de diferenças e de ideologias, ganha a melhor marca, a melhor publicidade, a melhor cara. Ou, a melhor coroa.

Do lado do populacho, estas eleições não têm um inimigo comum – a democracia faz parte de todos os programas, a justiça eleitoral funciona e Lula não é candidato, o que elimina a tensão colocada desde 1989, quando o eleitorado se dividia pró ou anti-Lula. O morro continua com pouca voz (o que dizer de Eduardo Paes, com sua perseguição aos “mijões” carnavalescos?) e a gente do asfalto ainda pode dormir em paz. E, não há mais ninguém para dizer que o *povo não é bobo*. Quem acreditaria nisso? Brizola se foi, a economia vai bem. Estaremos reduzidos a julgar o plebiscito que se avizinha, entre a situação e a oposição? Melhor pegar um avião, aproveitar a baixa do dólar e observar o que será do alto dos Alpes suíços – por ora ainda distantes da crise da eurozona.

Nunca antes na história deste país a política nacional sucumbiu tanto aos interesses regionais. Mais de 70 anos depois de sua derrota, parece que o café-com-leite voltará a decidir os rumos deste país. Preparemo-nos, pois,

para a ressaca sem álcool, pós-eleitoral; para as *meas culpas*. Ninguém em sã consciência poderá dizer o que será. Mas, isso não será nada, isso será uma eleição decidida quase ao acaso. Desta vez, porém, não temos nem mesmo um Nelson Rodrigues para deixar uma frase de efeito para a posteridade.